

Líderes negam partido a Collor

JIVALDO CAVALCANTI

Em busca de uma maioria permanente para o Governo no Congresso, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, defendeu ontem, junto aos líderes governistas na Câmara, uma reforma partidária de emergência para a formação de um partido que dê sustentação às ações políticas do presidente Fernando Collor. O assunto, abordado com cuidado pelo ministro durante as duas horas de sua primeira reunião de aproximação com o Legislativo, surpreendeu os líderes, que foram ao encontro justamente para cobrar uma maior participação no Governo que apoiam. Passarinho descartou a idéia de formar um bloco reunindo os partidos governistas e deixou clara sua simpatia pela fusão de duas ou mais legendas para dar ao Governo uma maioria sólida no Congresso Nacional.

“Não sei se devo avançar sobre esse assunto, mas penso que será muito difícil coordenarmos uma ação política do Governo com o apoio de blocos isolados, episódicos, dentro da atual organização partidária — arriscou Passarinho, provocando alguns minutos de silêncio entre os líderes do PFL, PDS, PRN, PDC, PTB, PST e o próprio líder do Governo na Câmara, Humberto Souto (PFL/MG).

Os participantes da reunião entenderam que Passarinho estava fazendo a defesa da fusão de algumas legendas para a formação de um partido governista único e lembraram que a junção do PFL e PDS ou PRN, como se havia sugerido antes, deixaria os demais partidos que apoiam o Governo à margem das decisões políticas.

“Antes de qualquer posição de nosso partido, preciso saber exatamente o que pensa o presidente Fernando Collor sobre essa idéia” — reagiu o líder do PTB, Gastone Righi.

A partir da interpelação de Righi, Passarinho fez questão de deixar claro que a idéia da reformulação partidária de emergência não havia partido do presidente, assumindo como responsabilidade sua ouvir os líderes sobre a formação do núcleo de apoio ao Governo.

Após a reunião, o líder do PFL, Ricardo Fiúza, também deixou claro o seu desconforto com os resultados do encontro com o articular do Governo.

“Está claro que o Governo veio até aqui para saber qual o núcleo que poderá ser montado para apoiar o presidente Collor, mas não sentimos qual será a contrapartida” — argumentou Fiúza com os demais líderes, após a saída de Passarinho.

Entre os líderes que reagiram à tese da fusão de partidos, proposta por Passarinho, está Eduardo Siqueira Campos, do PDC.



Passarinho com os líderes em exercício do PDS, do PTB e do Governo: encontrando resistência a qualquer fusão